

# Stadium

N.º 347  
27 de Julho de 1949  
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



*Fernando Moreira atinge a pista das Salésias, após uma jornada de recuperação durante a qual as magníficas qualidades do ciclista nortenho se evidenciaram*

# PEDRO SANE MARTIN O SPORTING

um interior de nacionalidade espanhola que na próxima época jogará pelo Sporting Clube da Covilhã

**S**ó agora ao principiar a redigir esta entrevista, feita há meses em Viseu, nos ocorre que não perguntamos a Pedro Sane Martin, um dos três espanhóis que a filial do Benfica trouxe para aquela cidade o ano passado, se ele havia começado a jogar à bola nos ateros que circundam o Estádio da Castelhana, onde o rapaz de Madrid vive, de manhã à noite, as primeiras emoções do sonho que o devora: pertencer um dia ao Real ou ao Atlético.

Há nele, porém, qualquer coisa que nos diz ter sido, fundamentalmente, um produto desse futebol romântico: a sua veemente paixão pelo jogo; a habilidade



Pedro Sane Martin

que nasceu consigo, o jeito característico de uma «maneira» desenvolvida em franca liberdade, com tudo quanto de alegre tem o futebol espanhol nos seus improvisos e nos seus arrebatamentos e, em suma, um corpiño fransino que, porventura, o terá impedido de ser, na sua Pátria, um I Divisão.

Martin tem 24 anos e é madri-leno.

A primeira vez que vestiu uma camisola foi para alinhar pelo Asturias, um clube de bairro. Do Asturias passou ao Gáz, também de Madrid, mas já da I Divisão regional, no qual alinhou ao lado de Olmedo, que é hoje interior da equipa «merengue» e talvez dos mais finos e cerebrais de Espanha...

Depois ingressou no Logroñes, estreado-se na III Divisão nacional.

O serviço militar levou-o para o norte de Africa e Martin tomou contacto com o futebol marroquino através do Zaio, de Melilla; ao fim duma temporada re-

gressou a Madrid e o Ferroviário contratou-o. Actuava pelo Ferroviário, portanto, quando Massid, treinador do Lisboa e Viseu, o chamou para Portugal.

Esta é a carreira de Pedro Sane Martin — que o grande público vai conhecer, do Sporting Clube da Covilhã, para onde acaba de transferir-se.

Alinhando indiferentemente a interior ou a extremo esquerdo, possui um fácil e simples domínio de bola, o mesmo domínio fácil e simples do lance e um sentido de insistência e uma voluntariedade que não são vulgares, sobretudo, em honens pouco corpulentos.

Com Tomé, outro interior fransino, mas também habilíssimo, que quasi vimos começar no Lusitania de Coimbra, onde esteve uma época, Martin formará um duo susceptível de imprimir uma toada de vivo e permanente agrado ao jogo de ataque do grupo covilhanense.

Quando Martin conversou conosco, ainda não tinha visto actuar nenhuma das nossas equipas de primeiro plano e não pôde assim pronunciar-se sobre o seu valor em relação aos clubes espanhóis de igual plano. Mas disse-nos, por exemplo, que reputava melhor que o nosso, o futebol espanhol da II e III Divisão, por nele os choques serem menos frequentes.

Acerca do valor das táticas, sustentava a mesmíssima e singular opinião da maioria dos técnicos do seu país, de resto já modificada, se não totalmente, pelo menos em grande parte, ao afirmar que quando as equipas são boas, as táticas não existem ou não tem valor, pois são os bons jogadores que fazem as grandes equipas e o grande futebol.

Considerava fácil o campeonato regional de Viseu, em que somente o Sporting de Lamego se apresentou como única dificuldade, e dos grupos que defrontou no Nacional da III Divisão colocava o Sport Clube Comimbricense acima do Lisboa e Guarda.

Quanto aos jogadores espanhóis de maior classe distinguia Bañon, Clemente e Aparício. Dizia, no entanto, que não podiam ser esquecidos Alonso, do Saragoça, e Martin, do Barcelona.

Não tinha nada mais para nos comunicar ou transmitir o então ignorado e modesto Martin.

Dentro em pouco, porém, vai ter muito mais que dizer. Dizer, — quem sabe? — que o próprio futebol espanhol, erradamente, não deu por ele...

ADRIANO PEIXOTO

perdeu injustamente o seu encontro com os campeões suecos

Filipe Rodrigues continua a dar-nos, da Suécia, impressões repletas de verdade, num tom de sinceridade convincente, e, mesmo de uma imparcialidade a toda a prova. Os nossos leitores têm, assim, a melhor versão do comportamento do Sporting em terras da Suécia.

De Malmoe, Especial para «Stadium», de FILIPE RODRIGUES

**O** Sporting apresentou contra o Malmoe, campeão da Liga, ou seja campeão da Suécia, a seguinte linha: Azevedo; Barrosa e Passos; Mateus, Marques e Verissimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Albano e Martins. Na segunda parte, Passos foi substituído por Juvenal.

O team do Malmoe é de homens corpulentos; quase todos andam por 1 metro 80 de altura.

A entrada dos portugueses em campo produziu excelente impressão, tal como sucedera em Estocolmo: Os jogadores conduziam as duas bandeiras, a portuguesa e a sueca. Assistiram ao encontro o presidente e secretário da Federação da Dinamarca.

A arbitragem conferida ao sueco Sten Ahlner não agradou aos portugueses, e, caso curioso, favorecendo muito os suecos também não agradou a estes. Deve-se-lhe a nossa derrota, pois quando o marcador estava 3-2 a nosso favor, faltando apenas alguns minutos de jogo, o árbitro validou aos suecos um goal, em flagrante offside... Os próprios suecos assim consideram. Daí resultou um estado de irritação geral e a moral do grupo, que já vinha sofrendo os excessivos rigores do juiz de campo, ressentiu-se e deixou-se abalar. Chegou mesmo a esboçar-se uma retirada em forma, tal a injustiça, mas veio o apaziguamento.

O desafio teve fases de excelente futebol — difíceis de se repetir. O grupo português impôs-se e delineou jogadas de puro associativo e brilhante futebol.

Teve uma primeira parte formidável, com todos os sectores a carubar bem, apesar de, aos 2 minutos, terem sofrido um golo apontado por Jonasson, que, aos 12 minutos, voltou a marcar. Entretanto, aos 5 minutos, Albano, que fez uma primeira parte brilhante, a interior esquerda, marcava a primeira bola. Aos 16 minutos, o Sporting beneficiou de uma segunda bola metida nas redes do Malmoe pelo seu defesa-direito. O Sporting exercia domínio: aos 30 minutos, em conclusão de uma brilhante jogada, Peyroteo marca o 3.º golo, fixando o resultado em 3-2 na primeira parte.

No segundo tempo notou-se a substituição de Passos por Juvenal, o que causou surpresas, em virtude de Passos estar a jogar em bom andamento, sendo um dos melhores.

Os leões continuaram a ligar bem os seus golpes, até que, uma avan-



Como um caricaturista sueco viu os jogadores do Sporting e o treinador do grupo...

çada bem conduzida pelo interior-direito sueco e rematada por Rydell, centro-avancado, manifestamente deslocado, colocou os grupos em igualdade.

Os portugueses, já prejudicados por outras penalidades, protestaram. Mas o juiz de linha, jogador-reserva do Malmoe, não quis ver a desloca-



«Abandonado»

«Quorum»

## HIPISMO

# Da invencibilidade de «Quorum» à inesperada vitória de «Abandonado»

**N**OS meios hípico nacionais continuam a fazer-se comentários à magnífica categoria de «Quorum» e ao feliz êxito de «Abandonado», no «Grande Prémio» do 38.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa.

Tanto naqueles que colocam nos píncaros da lua o valorosíssimo anglo-arabe, que tivemos ocasião de admirar de novo em Lisboa, integrado no grupo de montadas da forte equipa espanhola, como naqueles outros que zombam das possibilidades do

argentino que o tenente Farrusco levou à vitória no «Grande Prémio», há uma forte parcela de facciosismo com a qual não estamos, nem poderíamos estar, de acordo.

Analisando criteriosamente tudo o que se diz e aquilo que não se diz, mas que talvez se pense; ponderando um pouco na invencibilidade atribuída a «Quorum», já manifestada nos jornais espanhóis em grandes parangonas, e nas fraquíssimas qualidades atribuídas a «Abandonado», verificamos que em qualquer dos casos se exagera e se vai fora da verdade.

Nem «Quorum» é invencível — e isso provam-o as vitórias de «Congo» e «Raso» em Madrid e até certos resultados de Lisboa — nem «Abandonado» é um cavalo qualquer, guindado, por mero acaso, a um lugar tão honroso.

Somos daqueles que consideramos o cavalo do tenente-coronel D. José Navarro, uma das melhores montadas que ultimamente nos têm visitado e, bem mais do que uma vez, afirmamos, em letra redonda, o seu valor extraordinário, já de resto demonstrado entre nós.

«Quorum», tem qualidades excepcionais, é um admirável cavalo de obstáculos, mas não é, quanto a nós, invencível. Será difícil bate-lo sem contar com qualquer possível distração do seu cavaleiro; será muito difícil vencer-lo se todo o percurso lhe correr bem, mas daí à invencibilidade vai um dia de verão. Não há cavalos invencíveis; há sim, cavalos que dificilmente se deixam bater e neste número está o magnífico «Quorum», vencedor de quatro provas no Concurso de Lisboa deste ano.

Quanto ao «Abandonado», convém acentuar que não é um cavalo qualquer e que a sua vitória no «Grande Prémio», batendo todos os ases, inesperada é certo, veio, no entanto, confirmar uma outra já anteriormente obtida —

a da «Caça», para não irmos mais longe referenciando a da «Regularidade» de Cascais em 1947, então montado pelo capitão Travassos Lopes.

Se é uma verdade ter sido extraordinariamente feliz, não é menos verdadeiro que a forma correctíssima como o tenente Farrusco o conduziu, tornou possível não só o triunfo como também o único percurso «limpo» da prova.

Não é um cavalo qualquer que aborda com serenidade o difícil duplo do «Grande Prémio», que transpõe com facilidade o triplo e que se desembaraça da temível dupla banquetta, onde tantos consagrados ficaram, ouvindo as três clássicas badaladas.

Não era o «Abandonado» o favorito da grande prova, nem mesmo seria um dos favoritos, mas, contudo, respondeu sempre às dificuldades do percurso, pondo em jogo todo o esforço que lhe foi pedido.

O facto de talvez não ser fácil repetir a proeza, não lhe diminui os efeitos da vitória agora obtida.

O grande favorito do «Grande Prémio» era «Quorum», mas, diga-se em abono da verdade, que a sua derrota pode e deve ser atribuída a um erro do seu cavaleiro que, diante de dois verticais, imprudentemente o meteu dentro do campo de salto, de onde era impossível sair sem derrubar.

Há de facto uma enorme diferença de categoria entre os dois, mas apesar disso, duvidamos da invencibilidade de um e não acreditamos na excessiva inferioridade do outro.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra.

ANTAS TEIXEIRA

## GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.  
Travessa S. João da Praça, 38

## A invasão de estrangeiros

**N**UNCA, como este ano, tomou culto a invasão de ciclistas estrangeiros, mandados vir pelos clubes portugueses expressamente para tomarem parte na Volta a Portugal em bicicleta.

O assunto, que em proporções razoáveis não mereceria reparo e poderia até considerar-se benéfico — ensinamentos pelo contacto, estímulo, etc. —, toma aspecto grave no exagero com que se apresenta. Os factos levam-nos assim a uma conclusão: o ciclismo nacional não tem base suficiente para suportar a importância e o volume dum prova da envergadura da Volta. E talvez não seja esta a verdade.

Por outro lado, os clubes que se servem da prala da casa para a actividade desportiva da época, quando chega o momento culminante, importam valores de fora, em massa, colocando em plano secundário aqueles que até então lhes deram o melhor do seu esforço. Só o Benfica, honra lhe seja feita, se conservou com os valores nacionais.

Por esta forma, a colaboração de corredores estrangeiros, em vez de estimular o interesse dos nossos, pelo que injustamente vem lesar os seus interesses, só pode trazer desânimo. Afinal, uns roerem os ossos e outros vêm comer a carne.

O caso é para ponderar pelos organismos responsáveis, aos quais compete zelar pelas conveniências do desporto e dos desportistas nacionais.

Regulamentando no ciclismo a participação de estrangeiros, condicionando-a, a exemplo do que sucede noutras modalidades, a certo tempo de residência efectiva no país, normalizar-se-ia uma situação extraordinária e que vem tomando incomportável desenvolvimento.

Ano VII — II Série — N.º 347  
Lisboa, 27 de Julho de 1949

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.<sup>ª</sup>  
Telefone, 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

## A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO  
Rua Eduardo Coslho, 22-C

Telef. 30078 LISBOA

# DA XIV VOLTA A PORTUGAL

## A «camisola amarela» passou de Fernando Moreira a Felix Bermudez

**P**ARA uma revista essencialmente gráfica, os comentários à Volta a Portugal, mesmo quando procurem focar aspectos técnicos, têm de ser feitos em síntese — como que em pinceladas rápidas, para fixar um pormenor decisivo na marcha da própria etapa, ou para dar uma ideia rápida do seu recorte em movimentação. Não há de facto tempo para mais. Nem tempo — nem espaço. Temos, assim, de procurar uma *média*...

Na Volta há quase sempre a preocupação de médias elevadas. Forçados pelas circunstâncias, temos de ficar com uma média mais modesta em espaço, porque é pouco. Teremos de ficar em pouco mais do que legendas. Mas são as legendas que esclarecem a fotografia... Oxalá que possamos ser claros — e concisos.

No primeiro dia, que foi a primeira noite, a prova foi, em grande parte, espectáculo. Mas do melhor, em vibração no público e em movimento de pista. Só teve de mau a atrapalhação do espanhol Escolano, à entrada nas curvas — e o arrastamento do programa. Acabou por isso muito tarde.

Disputaram-se os nove quilómetros de abertura, contra-relógio, entre equipas desequilibradas, em valor e em número. A tática mais generalizada foi a de procurar manter as equipas agrupadas até ao fim, para *aguentar* os corredores mais fracos. Dentro desta tática, distinguiu-se o Benfica. E o Salgueiros pôde levar até ao fim a reunião dos seus homens. O Académico e o Sporting, devidamente à constituição das suas equipas, adoptaram sistema oposto — mandar os seus corredores estrangeiros para a frente e procurar *suster* os outros. No meio termo está por vezes a virtude... E foi assim, no Lima. O Porto, que deixou *descolar* Amândio Cardoso, e que teve Fernando Moreira no comando parte da etapa, ganhou duplamente — na classificação individual e na colectiva.

Fernando Moreira ganhou muito bem — para o público. E, conquistando, logo de início «camisola amarela», deu a impressão de retomar o seu ceptro de vencedor. A sua média merece registo, embora num percurso pequeno — 41,477 quilómetros. Só sete dos corredores do clube azul e branco ficaram com o mesmo tempo. No próprio distanciamento das colectivas não houve diferenças sensíveis.

A vitória global do Porto encontrou resposta valorosa no dia imediato. No contra-relógio do Porto a Espinho, só se manteve a beleza

do espectáculo do público portuense, concentrado nos locais de melhor perspectiva para ver desfilar os corredores para a ponte de D. Luis, sobre o rio Douro.

De manhã, propriamente em corrida, o percurso entre Porto e Espinho, não ofereceu nada de particular ou de emotivo. Foram corredores a rolar de um ponto para o outro... à procura do corredor que ia à frente. Fernando Moreira levou José Martins perto. Fez melhor tempo do que ele, que teve de acabar o circuito numa bicicleta de um popular. Mas atraxou-se em relação a outros. E teria de ceder logo ali a «camisola» se o ataque não fosse praticamente anulado, em tempos. Sob este aspecto, os mais atrazados valeram tanto como os que deviam ficar na frente. Guilherme Jacinto, que fez o melhor tempo, com a média aproximada de 44 quilómetros à hora, foi o mais prejudicado. De compensação teve apenas a vitória na etapa e o respectivo prémio. Fernando Moreira fez 36 m. 18 s. e Guilherme Jacinto 32 m. 50 s.

Os tempos foram anulados por causa da confusão que resultou para a contagem das voltas ao circuito total, da aglomeração de corredores, cerca de 80, num circuito pequeno em ruas estreitas.

Entre Espinho e Figueira da Foz, com paragem em Aveiro, para recolha de alguns prémios, registou-se o primeiro assalto formal à posição do «leader». A uma sua tentativa correspondeu, depois uma fuga até Aveiro, no qual se mantiveram cinco corredores — Bermudez, Montaña, Rafael Correia, Manuel Ramos e Guilherme Jacinto. O corredor do Benfica tentara de novo melhorar de posição. Montaña teve um «furo» já na cidade — e perdeu alguns segundos. A média dos quatro primeiros ficou, na segunda cidade, em 38 571. Bermudez foi o primeiro na «meta».

O balanço inicial, assegurando aos quatro, o direito a partir à frente, deu-lhe uma vantagem de que apenas não beneficiou Rafael Correia, que se atraxou, a partir de Tocha, com caimbras nas pernas. Atrás deles, a dificultar o andamento do pelotão, registaram-se duas séries de quedas em grupo, e Fernando Moreira andou às voltas com um «furo». A velocidade teve, por isso, de ser *travada*. Na cauda ficaram os mais fracos. João Lourenço foi o corredor que a queda deixou mais maguado.

A classificação na Figueira fez-se, ao «sprint», entre os três corredores que se mantiveram à frente Manuel Barros ganhou a etapa; Bermudez, o segundo, conquistou a «camisola amarela» e Guilherme Jacinto subiu ao segundo lugar

da prova. Fernando Moreira, o «leader» deposto, desceu a 23. O Benfica subiu ao segundo lugar na classificação por equipas.

Ficaram quatro corredores eliminados por chegarem com o controle fechado.

As duas etapas de sábado foram claramente de repouso e defesa. Depois do vendaval costuma vir o bom tempo... De manhã, a prova só despertou na preparação para a luta pelos pontos para o Prémio da Montanha, sendo João Rebelo o primeiro no Luso e no alto do Bussaco. O pelotão estava regularmente desfeito, nessa altura. O mau estado da estrada, com vários precalços, facilitou o reagrupamento.

Depois, apertou o calor e a sede. A luta, a ladear Penacova,

frente. As descidas compensaram muito do esforço dispendido a subir.

Depois de Alfeizeirão a recta de Tornada proporcionou boa velocidade para a embalagem final. Houve também classificações ao «sprint», ganho por Covre, seguido por Maximiano Rola e João Rebelo. Depois, entraram em série. Média do vencedor, 31,366 quilómetros.

A tirada de domingo, das Caldas para Lisboa, num dia que começou fresco, que foi depois de calor causticante e que findou com uma notada consoladora, pode resumir-se nesta legenda — jornada de recuperação brilhantíssima para Fernando Moreira, em quase todo o percurso, mas especialmente depois de Gui-



João Rebelo, o vigoroso estradista do Benfica, embalou vitorioso para o primeiro prémio da montanha, no alto da serra do Buçaco

foi especialmente para receber água dos cantoneiros.

Mário Fazio fugiu ainda perto de Coimbra. Mas isso só contribuiu para elevar a média, para a classificação no Luso. A chegada fez-se ao «sprint» com muitos corredores. Valmitjana adiantou-se o bastante para vencer com nitidez. Média horária, 29,445 quilómetros.

De tarde, as subidas foram mais numerosas — e Guilherme Jacinto teve avaria na máquina. Fernando Moreira continuou a dar a impressão de não estar ainda em pleno retorno de forma. O pelotão espertou quando viu Guilherme Jacinto atrazado. Por três vezes — em Santa Clara, depois de Leiria e no Facho — pareceu que tudo se desagregava no grupo da frente. Mas até mesmo na estrada do Facho se mantiveram corredores agrupados no pelotão da

lherme Jacinto registar um «furo», perto de Vila Verde de Sintra, na região onde ele reside. No resto, houve movimento, rapidez, entusiasmo, e luta entre um homem a recuperar o tempo perdido, e um grupo com corredores empenhados em distanciar-lo cada vez mais. De tudo isto resultou uma coisa — uma etapa que teve um período grande de amortecimento veio a findar com uma velocidade a uma média superior a 35 quilómetros à hora.

Os melhores corredores do final, foram Fernando Moreira e Felix Bermudez. E o Benfica procurou segurar a velocidade, mantendo agrupados os corredores que se mantiveram no pelotão. Fernando Moreira ganhou a etapa e subiu uns furos na escala. E Atílio Lambertini ganhou as «voltas» nas Salésias. Deve ter sido até agora a melhor etapa.



Os jogadores do Sporting chegam à cidade de Norrköping

# A exibição do SPORTING em Norrköping agradou ao numeroso público

(Especial para «Stadium» por FILIPE RODRIGUES)

O jogo Norrköping-Sporting principiou ao «lusco-fusco» — às 19,25. As esta hora, em Norrköping, o aspecto do dia não apresentava por certo qualquer diferença ao habitual em Lisboa. Quando o desafio se concluiu, apontava o nosso relógio 21 horas — e era escuro.

Algumas referências ao desafio: Norrköping: — Lindberg; Olofsson e Malm; Arnell, Liedhalm e Steen; Gustavson, Kartsson, Nordahl, Kolmkvist e Remnegard.

Sporting — Azevedo; Barrosa e Juvenal; Mateus, Passos e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Albano e Martins. Na segunda parte, Manuel Marques ocupou o lugar de Passos e este o de Juvenal.

O conjunto do Sporting entrou a dominar, mas Nordahl quebrou o ritmo, desfiteando Passos e obtendo o 1.º tento local a 8 minutos. Continuou o campeão de Portugal no seu domínio, mas Nordahl volta a vencer a oposição de Passos, aos 16 minutos atingindo a rede leonina Karlsson, que fazia o primeiro desafio pelo Norrköping, colocou o resultado em 3-0 — sem alteração até o fim da 1.ª parte.

O resultado afigurou-se a todos algo injusto. Os suecos souberam reconhecer que o Sporting havia jogado muitíssimo mais, agradando mesmo em todos os sectores. Individualmente, Barrosa, Veríssimo, Albano e Martins, cumpriram em absoluto.

No segundo tempo, com Manuel Marques a defesa central e Passos ao lado, nota-se o mesmo entusiasmo no Sporting. E Veríssimo, de recarga, marca um tento para o seu clube, aos 4 minutos. Vasques, a 13, obteve o 2.º tento, e as coisas ajustam-se melhor.

Aos 21 minutos, porém, num livre a distância, o defesa Malm conseguiu o 4.º tento; dois minutos mais tarde, de *penalty*, o Norrköping coloca o resultado em 5-2, que se torna pesadíssimo e não corresponde ao trabalho do Sporting. Finalmente, a 1 minuto do fim, Peyroteo despede o remate que coloca o resultado em 5-3.

Nos suecos agradaram-nos: Nordahl, que regressa à Itália, a fim de alinhar pelo Milão; defesas e médio-centro e asa direita.

Nos portugueses, Barrosa pareceu-nos o mais regular; Azevedo teve uma primeira parte fraca mas efectuou defesas brilhantes; Passos melhorou; Mateus jogou menos que em Malmö e Veríssimo esteve seguro. Marques anulou Nordahl quando jogou. Jesus Correia fez o seu melhor jogo, mas gostamos mais de Albano, Vasques recoso e magoado; Martins, diligente e Peyroteo, apagado. Arbitragem excelente.

— O grupo jogava ontem em Gottenborg, seguindo depois para Paris. No sábado, chegará a Lisboa.

F. R.



Azevedo, em mergulho de bom estilo, evita um golo — antecipa-se a Nordahl e Remnegard

# Quatro jornadas de Volta seis tiradas e emoções totalmente diferentes

Estádio do Lima ao Estádio das Salésias — 548 quilómetros em 16 horas 12 minutos e 34 segundos para o melhor, e 17 horas 46 minutos e 38 segundos para o último. Média horária 33,140 km.

Não é para deitar fora. Mas estas quatro jornadas com seis tiradas do Porto a Lisboa ofereceram aspectos diferentes e emoções totalmente diversas. O Lima, o Porto à saída, Espinho, Figueira, Coimbra, Caldas da Rainha, Salésias — não se pareceram nada umas com as outras.

E os corredores, dentro de si próprio, nem sempre foram os mesmos...

Primeira jornada. Noite no Lima. Luz eléctrica a jorros sobre a pista. Multidão eletrizante das grandes tardes de futebol: Porto contra Portugal inteiro e contra França, Espanha, Itália, Argentina. Um ídolo: Fernando Moreira.

Um só pensamento: vencer o Porto. Apoteose: vitória do favorito, campeão de Portugal, seguido de seis companheiros do F. C. Porto. Todos os outros 79 corredores com tempos levemente inferiores.

Alegria no Estádio, entusiasmo nas ruas e nos cafés. Resumo: Início feliz, triunfo portuense.

Segunda tirada: Porto Espinho. Manhã fresca. Manchas de cor pelas estradas arrabaldoas. Contra-relógio, um a um. Espécie de fita cinematográfica. Vila Nova de Gaia, Vilar do Paraíso. Umass escassas quatro léguas em pedalada de pista. Destaque de um beneficiário: Jacinto. Em Espinho: confusão, balburdia, imprevisto, desalento dos melhores. Vitória teórica do melhor. Tempos iguais. Manhã técnica perdida. Azar na organização

Terceira tirada: Espinho-Figueira. Tarde serena. Primeira prova de estrada em linha. Terras da Beira Litoral. Que lindas localidades! Cheirava a mar. Ovar, Estarreja, Aveiro, Ílhavo, Vagos... Pedalada média. Vontade de vencer. Çautela... Vitória de um algarvio inocente, Manuel Barros, de Loulé, numa inspiração que não devia prosseguir.

Um espanhol, Bermudez enverga a camisola amarela, que F. Moreira cubicava, nos dois minutos de atrazo que lhe roubaram. Jacinto do Benfica em 3.º lugar. Tarde perdida para o Porto.

Quarta tirada (3.º dia): Figueira-Coimbra. Campos do Mondego. Choupos e planícies de milho. Trianas pelos caminhos, embarcadas a ver se algum rapaz é do seu rancho. Tentugal, Luso, Bus-

saco, Penacova. Receio mutuo. Um «camisola amarela» que até ali o não justificou lá muito... Perseguição tímida. Vontade de que aquilo acabe depressa. Desgaste vindo da véspera. Vitória de Valmitjana, do F. C. do Porto, mas não do Porto: da Argentina. Pelotão de 22. Na Serra, a trepar, primeiro lugar para um camisola encarnada: Rebelo. Ao cabo descida de vez de Fernando Moreira. Passageira de certo.

Quinta tirada: Coimbra-Caldas. Quase cinco horas de pedalada. tarde relativamente fresca: Condeixa, Pombal, Leiria, Alcobça; Estremadura de pomares e de monumentos. Baixas e altas velocidades. Já não há raparigas a dizer adeus. A manta de retalhos da paisagem é menos polieroma. Grande tarde dos estrangeiros, franceses, italianos, um espanhol. Vitória de uma camisola azul do Belenense: Covré, num pelotão cerrado de 33. Os favoritos portugueses não deram de si. Mas ao «camisola amarela», Bermudez — que é astuto e recuperador — seguem-se na classificação geral dois do Porto e um do Benfica, outro do Porto e dois do Académico.

Sexta tirada (quarto dia): Caldas-Lisboa. Podia ser uma grande jornada, Óbidos, Bombarral Torres, Mafra, Ericeira, Sintra, Cascais. Paisagem de pântanos verdes e de searas amarelas. Arredores da capital: estância e mar. Ambiente, de bulício expectante. Fugas, contra-fugas, recolamentos. E ao cabo — nada. Reparece Fernando Moreira, que andava a dormir, e ganha à frente de um pelotão de 20, onde iam o manhoso Bermudez, os melhores do Benfica, os italianos do Sporting, os franceses do Académico, o francês do Belenense, e Júlio Mourão, l'ho que quer mostrar-se.

Tarde técnica sombria. Na pista das Salésias Atilio Lambertini ganha sem simulacro de corrida. O Benfica perdeu uma unidade nas Caldas. O Norte é representado, por equipas, com os dois franceses: Porto e Académico.

Depois: Lisboa-Santarém. Santarém-Setúbal, Setúbal-Loulé (303 quilómetros para arrazar).

O panorama contemplativo e o panorama desportivo vão mudar.

## SUPRANUMERARIO

### Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

**T**EMPO em Lisboa, com vento contrário, 14,2 s.; melhor marca, 13,9 s.

Corredor com excepcionais dotes físicos para a especialidade: estatura elevada; membros inferiores longos (a abertura do compasso atinge quase a altura da barreira); grande velocidade natural, valendo 10,3 s. nos 100 metros (note-se, na grav. 2, o avanço com que transpõe já a primeira barreira, cêrca de dois metros ganhos em 13 m. de percurso).

A análise da técnica de Dixon na passagem do obstáculo fica incompleta pela falta de uma fotografia correspondente à fase de descida e ataque do solo. Sabemos, no entanto, que o ataque da barreira é distante (foi medido a 2,35) e o ponto de contacto após a

# O ESTILO dos atletas americanos

## ANALISADO E COMENTADO

pele Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil palavras. — Confúcio)

### II — DIXON, corredor de barreiras

passagem, próximo (1,30, segundo medições referidas). Isto ajuda-nos a suprir a deficiência de elementos gráficos.

**Fig. 1** — Ataque da barreira: o tronco é puchado adiante e abaixo pela tração anterior dos dois braços; a perna esquerda sobe por elevação do joelho, que se estende progressivamente (ver a sequência das imagens), levando o pé de calcenhar para a barreira. O avanço da perna de impulso é precoce.

**Fig. 2** — Os braços, em extensão paralela à frente, continuam a preceder o tronco na

passagem do obstáculo. A primeira perna já quase se estendeu e a outra prossegue na sua aproximação anterior. Repare-se na forte inclinação do tronco à frente.

Todos os corredores portugueses que figuram nesta imagem atacam a barreira com tração de um só braço e o tronco muito mais levantado do que o americano

**Fig. 3** — Passagem da barreira: posição clássica. A perna de ataque estendida, pé em ângulo reto; tronco fletido à frente, braços precedendo o corpo, para avançar o centro de gravidade e apressar a descida. A perna de chamada, fletida em ângulo reto na anca e no joelho, toda ela no mesmo plano horizontal, o da bacia.

Dixon, nesta posição dá nítida impressão de perfeito equilíbrio, harmonia e coordenação no trabalho dos vários sectores.

**Fig. 4** — Início da descida. A perna anterior começa a baixar para o solo, logo após a passagem da barreira (a bacia ainda vai por cima do obstáculo e já o pé desceu cêrca de 30°). O outro joelho também avança, arrastando a perna.

Notável trabalho dos braços: o direito, em extensão e descontractado, serve de balaceiro; o esquerdo, flete pelo cotovelo e é puchado atraz (siga-se o movimento nas quatro imagens) para tomar posição para agir na continuação da corrida, depois da aterragem.

Deduzindo, o que vai seguir-se: a baixada imediata da perna de ataque e o avanço simultâneo do joelho oposto, trazem a bacia à frente, apurando o barrelista para o momento do contacto com o solo, em posição de apoio e impulso para a primeira passada da corrida intermediária.

## A VERDADE DOS NUMEROS

**O**s comentários da *Imprensa lisboeta* à primeira jornada dos regionais de atletismo, focando embora na generalidade a insuficiência de forma em que se apresentaram muitos dos nossos seniores, foram completamente discordantes na apreciação do valor relativo dos vários resultados: desde o enaltecimento exagerado do tempo obtido pelo vencedor dos 800 metros até à não menos exagerada depreciação das marcas alcançadas na corrida de duas léguas. Pareceu-nos interessante, sem paixão, esclarecer o público sobre a verdade desses valores, recorrendo aos números da labela internacional, insofismáveis e implacáveis.

Na jornada de domingo registaram-se seis marcas valendo mais de oitocentos pontos: Paquete, nos 100 metros, 902 pontos; Marques e Quaresma dos 10.000 metros, 833 e 822 pontos; Matos Fernandes nos 400 metros-barreiras, 821 p.; Rui Maria e Nuno Morais, nos 100 metros, 813 pontos.

Seguem-se: Casimiro, nos 100 metros (11,2 s.), 787 p.; Branco, nos 800 metros, 769 p.; Filipe Luis e Conde, nos 10.000 metros, 756 e 736 pontos.

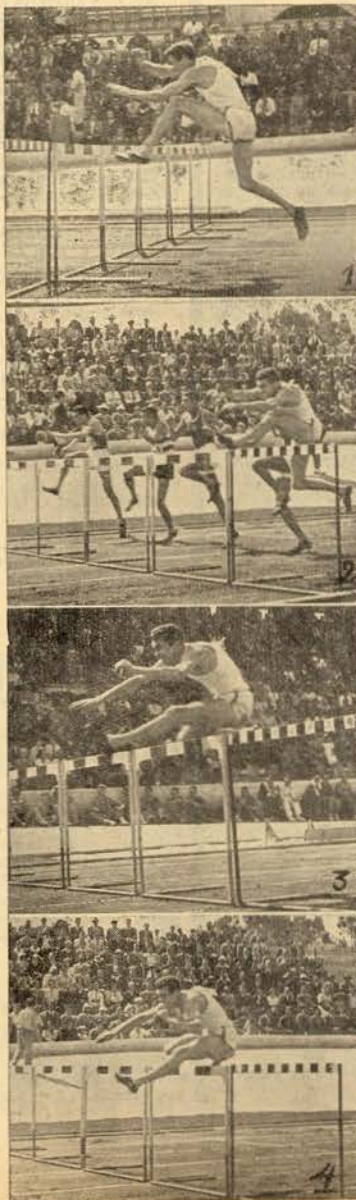
Foram estas as dez melhores, havendo ainda mais seis superiores a 700 pontos: João Luis, nos 400 metros-barreiras, 733 p.; Eduardo Silva, nos 800 metros, 732 p.; Natal nos 400 metros-barreiras, 730 p.; Matos, no salto em altura, 727 p.; Pena da Silva, nos 800 metros, 717 p.; e Mire Dorez, nos 100 metros (11,3 s.), 700 pontos.

Analisando esta lista verifica-se que, em quatro provas, os três primeiros ultrapassaram os 700 pontos. São por ordem decrescente de valor: 100 metros (média de 843 p.), 10.000 metros (média de 804 p.), 400 metros-barreiras (média de 761 p.) e 800 metros (média de 739 pontos).

Fica assim elucidada, pela verdade dos números, a discordância sobre a ordem de valor das melhores provas da jornada, nas quais só dois vencedores — por acaso o mesmo vencedor em dois concursos — não atingiram os setecentos pontos: no peso e no martelo, Manuel da Silva, 672 e 635 pontos.

Se quizermos entrar em conta com a relatividade da categoria do atletismo português, comparando o presente com o passado, seremos forçados a reconhecer que nunca em Portugal se registaram nos 10.000 metros quatro tempos abaixo dos 34 minutos, nem nos 400 metros-barreiras três homens em menos de um minuto. Mas podem apontar-se muitas finais de 100 metros com melhores tempos no conjunto e 800 metros nas mesmas circunstâncias.

O próprio vencedor desta última prova, Joaquim Branco, não conseguiu a sua melhor marca, pois lhe está já averbado um tempo de 2 m. 0,6 s., embora não tenha conseguido então o primeiro lugar.



## BIBLIOGRAFIA

### "Noções sobre a análise dos movimentos musculares"

Pelo prof. dr. Alberto Gavaerts

**P**UBLICADO em separata do Boletim do Instituto Nacional de Educação Física, recebemos este notável trabalho do dr. Alberto Gavaerts, professor na Universidade Livre de Bruxelas e director do Centro Universitário de Educação Física.

O autor, que já por duas vezes visitou o nosso País e aqui teve ocasião de deixar patente a sua vasta competência nos problemas que ligam a educação física às ciências fisiológicas, ocupa-se neste seu novo trabalho de assunto da maior importância pedagógica e absolutamente inédito em publicações portuguesas.

A análise dos movimentos é elemento indispensável na bagagem científica do professor de ginástica ou dos desportos, pois só por seu intermédio é possível determinar as condições em que deve ser executado qualquer movimento para que seja atingido o fim proposto. E', porém, complexo o seu estudo, condicionado pelas diversas intervenções de sistemas que se intercorrespondem, completam ou opõem nas acções dinâmicas do organismo humano, desde o papel por assim dizer elementar das forças actuantes, seus pontos de aplicação e alavancas executoras, até à interferência superior do complexo nervoso, que assegura coordenação e precisão aos movimentos.

O tributo moderno da electrofisiologia veio ajudar a esclarecer problemas ainda obscuros e o valor do livro apresentado pelo professor Gavaerts está, precisamente, em haver ele conseguido resumir nas suas páginas, com clareza e concisão, todos esses elementos indispensáveis à análise e interpretação dos movimentos determinados.

O exercício, escreve algures no seu livro o autor, provoca um conflito entre o peso, agindo no centro de gravidade do corpo e as acções musculares destinadas a manter ou restabelecer o equilíbrio e que são reflexas nervosas de vários tipos, cuja integração em



Donny Emery, verdadeira «figueira do soldado» sob o capacete protector, repousa os braços sem afecção no guidão da máquina



Um pequeno cossaco do Século Vinte sobre um corcel mecânico — eis a legenda ideal para esta fotografia magnífica



Os vaqueiros do Oeste, quando tentam dominar os cavalos selvagens, têm expressões fisionómicas semelhantes. No fim de contas, as situações equivalem-se!

# Donny Emery Junior

um petiz de seis anos, émulo de adultos  
— na perícia do motociclismo —

**N**O meu tempo de menino, já lá vão quarenta anos, antes de qualquer outra conquista que me libertasse das saias maternas, ambicionei um par de calças até ao tornozelo, compridas e largas como as dos marujos.

Depois, vencida a primeira etapa, quis experimentar as delícias do fumo. Temerário e curioso, adquiri um dos famosos charutos de picar, cheios de joanetas, tortos como ramos de árvore, mas a experiência intoxicou-me, ao ponto de intervir a medicina.

Em suma, o anseio de imitar precocemente as pessoas adultas, até à outorga da Magna Charta das liberdades totais, nasceu-me cedo. Nunca desejei, todavia, ser toureiro ou mergulhador mas a figura justiceira de Texas Jack, o herói do Far-West, montando o mais astuto cavalo de todos os tempos, constituiu, na tela onde projectava os meus sonhos juvenis, uma apoteose impossível de realizar na íntegra.

Com mais ou menos traços e tonalidades, deve ter sido esta a aguarela-padrão dos devaneios da rapaziada do meu tempo e nossos pais pasmavam algo, temendo o delírio de tão altos voos.

Hoje está tudo mudado. Basta reparar neste

todo o sistema nervoso assegura a coordenação em vista de qualquer acto motor.

O estudo analítico dos movimentos constituiu, assim, um processo de observação que permite determinar as directivas mais convenientes para o ensino do exercício físico, na forma de gesto intencional e definido, executado com objectivos de formação ou correcção.

Nos sucessivos capítulos do seu excelente livro, o dr. Alberto Govaerts ocupa-se dos vários elementos intervenientes na execução dos movimentos pelo homem, com particular desenvolvimento descritivo das condições da acção muscular, exemplificada na análise mecânica de alguns exercícios.

Termina apresentando uma bem elaborada tabela sintética da intervenção dos vários músculos nos movimentos possíveis para cada articulação.

SALAZAR CARREIRA

frágil pequenote de seis anos, natural de Burbank (Califórnia), filho de dois acrobatas amadores de motociclismo. Justificando o aforismo de que filho de peixe sabe nadar, sentiu a mais irresistível vocação pelo veículo motorizado de duas rodas e domina-o com a maestria de um Pierino Gamba.

As derrapagens para virar bruscamente, a quarenta à hora; o salto de obstáculos; a con-

dução à cossaco; tudo executa primorosamente o pequeno fenómeno do guidão.

Nas horas de ócio, enquanto outros da mesma idade pensam em ir aos ninhos ou se agitam com patins de rodas, o atrevido Donny Emery Júnior, fala com o pai sobre magnetos, velas, válvulas e outros elementos dos motores de explosão.

Não será o «miúdo» uma profecia em carne e osso, anunciando, já, as tendências precoces das gerações futuras?

Tudo leva a crer que sim. O ritmo do dia a dia acelerou-se a tal ponto que o ser humano atingiu a maturidade antes do desenvolvimento físico desabrochar por completo.

Como deploramos essa tendência, que rouba às crianças a melhor quadra da Vida — a dos sonhos e das ilusões sem fim — para as contagiar com a realidade mecânica, mais própria da maioridade que da meninice!

R. B.



Donny, largando a quarenta milhas, muda de rumo com a presteza de um out-board e a nuvem de fumo, revela o risco da manobra



# Começou a XIV Volta a Portugal

Primeiros contactos com a estrada. Da esquerda para a direita: Um esticão... e Valmijana triunfa em Coimbra num belo «sprint»  
Um momento na etapa Figueira-Coimbra. Valmijana, do Porto, Manique, do Belenenses e Foch, do Académico, comandam  
Na etapa Coimbra-Caldas os corredores da «Volta» mantêm, um período de «tranquilidade»



VITORIA FUTEBOL CLUBE



SPORT LISBOA E BENFICA



SPORTING CLUBE DE PORTUGAL



FUTEBOL CLUBE DO PORTO



ACADÉMICO FUTEBOL CLUBE



LOULETANO DESPORTIVO CLUBE



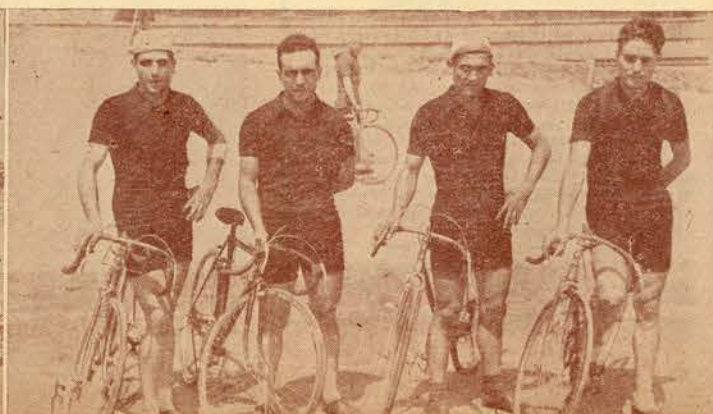
CLUBE ATLÉTICO DE C. DE OURIQUE



BOAVISTA FUTEBOL CLUBE



CLUBE FUTEBOL «OS BELENENSES»



CENTRO CICLISTA DE BARCELONA



SPORT COMÉRCIO E S. ALGUEIROS



CINÍSIO CLUBE DE TAVIRA



# PITIA Castelejo APRESENTA Gregório QUE CEDO ABANDONOU O FUTEBOL 3 CLUBES - 3 CAPITALS



Uma equipa de respeito. Já abandonaram a bola, Gregório, Cardoso, Rui Araújo, Paciência, Mourão, Soeiro e Cruz

## CAPÍTULO II

### Três épocas no Sporting

**T**ODAVIA a sua dedicação à camisola que soubera prestigiar e os laços fortes que o prendiam ao popular clube de Santo Amaro, ainda o fizeram vacilar. Devia ou não aventurar-se a trocar a certeza do apoio moral dos dirigentes e companheiros pela incerteza resultante de novo ambiente?

O desejo de «subir» de ser «alguém» no futebol, foi mais ponderoso que a vontade de ficar... de continuar a pertencer ao clube que lhe permitia a arelação do valor que, realmente, deixara adivinhar na sua breve passagem pelas agremiações em que ensaiara os primeiros pontapés... a sério.

As palavras aliciantes que lhes foram sussurradas, as perspectivas cor-de-rosa que começou a antever, após conversas persuasivas dos interlocutores interessados em fazer vingar as suas propostas, calaram de forma convincente no espírito do nável jogador que não hesitou, por fim, em ingressar no Sporting lisboeta.

Quando começaram a circular os primeiros rumores, os afcionados da bola deram largas aos comentários próprios, discutindo-se a valia do reforço para a turma sportinguista e... também o valor monetário da transferência, que ficou célebre nessa época.

Custou a carta vinte e dois contos e meio!...

No dia 17 de Setembro de 1939, Gregório alinhou, vestindo a camisola dos «leões», em um jogo particular, disputado nas Salésias, ocupando na equipa o lugar de médio-centro.

Nesse mesmo prélio foi seu companheiro de «estrela» Armando Ferreira, ainda em actividade e em forma, como provou na época finda, com as «internacionalizações» contra o País de Gales e a Irlanda.

Integrado numa formação mais homogénea e poderosa onde os valores abundavam, o jovem que viu a luz do dia na vila da outra margem do rio, que banha a capital do Império, não se inferiorizou, ao invés, provou que era capaz.

Perante o olhar atento de alguns milhares de espectadores que não deixavam de seguir todos os pormenores da sua actuação, o «erudito» leonino agiu de maneira positiva, vencendo e convencendo.

Os camaradas, após o seu ingresso no clube, rodearam-no de carinhosa solicitude, foram amáveis e francos, predisuseram-no

favoravelmente fazendo-o esquecer a mudança de «ares» e, provando-lhe não só durante os primeiros tempos, como sempre, que a solidariedade predomina entre os belos caracteres, sem destrinça de clube e, também que o ditado popular *benvindo seja quem vier por bem*, não é sentença gratuita e fantasiosa.

Na vida cheia de imprevisto e de incerteza, em que as horas se sucedem sem a menor quebra de ritmo, numa cadência tão uniforme que chega a cansar um cérebro em repouso, os factos encadeiam-



Gregório e Albino, um dos homens que lhe «barrrou» o caminho para a «internacionalização»

-se, as situações aparentemente ocasionais repetem-se com uma fidelidade tal, que nos obrigam a pensar, com mais agudeza, nas causas que as originaram.

Com a saída de Gregório, o União, viu-se privado, num curto lapso de 2 anos, de dois esplêndidos médios-centro da sua equipa de honra: primeiro Jaime Rodrigues, depois o antigo jogador do «Bomense».

O lugar que o nosso «herói» ocupou na antiga turma, foi-lhe deixado por Jaime Rodrigues... que ao trocar a metrópole pelas colónias, lhe deixou de novo o lugar... mas desta vez, no clube dos «verde-brancos».

E' ou não curiosa e digna de registro a coincidência?

Aplicado e perseverante era pontual aos treinos, deslocando-se, de automóvel, com esse belo jogador que foi João Jurado. Todo

o cuidado era pouco para aqueles que não «sentiam» a obrigação da comparação. Mestre Szabo usava, com frequência, de um eufemismo: a multa.

Modesto por temperamento, nunca a popularidade de que começou a gozar em mais alto grau, o perturbou, levando-o a esquecer a preparação física e o apuro da «forma».

Trabalhou a bola com gosto, executando os lances as vezes que era necessário, sem demonstrar aborrecimento. A nova camisola assentava-lhe bem e não a queria deixar.

Os jornais desse tempo, prestaram justiça ao mérito do sportinguista que nunca regateou o seu esforço durante a luta, que sempre foi mais além daquilo a que era obrigado, que bastas vezes contaminau e impulsionou os companheiros com a alegria e empenho com que procurava servir... e que bem que ele servia, regra geral! A beleza é evidenciada pelo confronto com a imperfeição!

Alheio à passividade ou ao comodismo, não se deixava avassalar pela adversidade, tinha apego à luta, cerrava os dentes, recalava a dor física e até ao apito final do desafio a sua «presença» mantinha-se vibrante, alegrando a «atmosfera» plúmbea, quando os «fados» não corriam de feição, quando o verde era uma esperança muito diluída e distante e o branco sintoma de paz nas almas já desalentadas e conformes com a situação desairosa que não procuravam alterar!

O «atrevimento» deste rapaz, nos campos de futebol, faz-nos lembrar o seu homónimo quando actua nas arenas.

Fez a primeira viagem para além-fronteiras, deslocando-se a Madrid, cidade que o encantou e recorda com calor e veemência, por ter sido a primeira, em país estrangeiro, que os seus olhos contemplaram.

Embora os «leões» tenham sido derrotados pela tangente, o certo é que todos se comportaram de maneira valorosa e Gregório mereceu frases laudatórias pelo denodo demonstrado e pelo acerto com que agiu.

De resto, a sua passagem, durante três anos, pelo Sporting, ficou assinalada pela regularidade pendular das inúmeras exhibições.

Foi campeão de Lisboa em 1941-42 e teve a honra de pertencer a essa famosa turma que em 1940-41, chamou a si os campeonatos de Lisboa, Nacional da I Divisão e a Taça de Portugal!

Ao recordar essa temporada memorável, o jogador que contribuiu para esse «feito» com o seu ma-

gráfico concurso, calou-se e não escondeu a emoção.

Respeitamos o seu silêncio, deixamo-lo reviver, acompanhamo-lo nessa maravilhosa viagem retrospectiva!

Depois em tropel, falou-nos dos «ases» que foram seus camaradas de equipa: Mourão, Soeiro, Peyroteo, Pireza, Cruz, Armando Ferreira, Mulder (belga), sete dianteiros «teríveis» duma linha avançada que... rematava com insistência... que metia golos!

Jurado, Rui Araújo, Galvão, Daniel, Manuel Marques, Paciência, Canário, Cardoso, Azevedo... a enumeração seria mais longa ainda se não a tivéssemos cortado cerce com uma pergunta diversa.

Gregório teve uma predileção especial pelo remate à baliza. Do seu posto recuado, espertou todas as ocasiões e sempre que se lhe deparou uma «aberta» não a desperdiçou. Daí o ter marcado um número de tentos apreciável e dos seus pés ter saído, algumas vezes, o golo necessário para a vitória da sua turma.

A quando do seu ingresso no Sporting, assinou um contracto para três temporadas e findas estas, renunciou livremente, apesar dos dirigentes leoninos pensarem de forma contrária e terem pretendido que o afastamento não se desse.

Firme na resolução tomada e já bastante amadurecida, o ex-unionista, participou por escrito, com a devida antecedência, à entidade máxima do futebol português que não zlinharia na época de 1942-43 pelo clube a que estava «preso». Nova camisola à vista...

Gregório justificou o abandono devido às desinteligências havidas com o treinador Szabo, que pretendia relegá-lo para um plano secundário, fazendo-o quase descer das suas possibilidades.

Não reconhecendo, em consciência, que o colega indicado para o lugar que ocupava, lhe fosse superior, reagiu, treinou como nunca o fizera, jogou «dando tudo por tudo»!

Mas, Szabo, firme no seu propósito, continuou asseverando que o lugar de médio-centro devia ser ocupado pelo interior-direito, Daniel...

Magoado e aborrecido, não com Daniel que sempre estimou e no caso não teve a menor interferência, mas sim com o treinador, abandonou os «ares» do Lumiar depois do jogo do dia 14-6-942.

Novos horizontes se lhe depa-

raram... A sua frente dois caminhos... dois clubes... duas incógnitas quanto ao futuro.

(Continua)

# A PEQUENA TRAVESSIA DE LISBOA

volta a disputar-se, pela oitava vez, em organização do Clube Sportivo do Pedrouços

O calendário para a época de natação em curso, marca para o primeiro domingo de Agosto—dia 7—uma importantíssima prova de fundo: a célebre Pequena Travessia de Lisboa, no clássico percurso do Terreiro do Paço a Pedrouços, corrida de grandes condições espectaculares, que há bons vinte anos agitou profundamente o meio, que revelou e consagrou campeões, que exerceu, em suma, larga influência no panorama da natação lisboeta.

Apesar de todas as suas belezas, apesar da sua magnífica utilidade sob todos os pontos de vista, a Pequena Travessia de Lisboa teve a sua última edição em 1934, no dia 5 de Agosto. Volidos, portanto, quinze anos, eis que o Clube Sportivo de Pedrouços—o grande organizador da prova—volta a meter ombros a tão importante acontecimento. A natação portuguesa precisava de uma prova de fundo—de uma prova das características da Pequena Travessia de Lisboa—

Para a moderna geração de nadadores, o acontecimento tem qualquer coisa de inédito. O entusiasmo pela prova é grande. A expectativa de que ela se está rodeando é absolutamente compreensível.

Oportuno se nos afigurou, no entanto, recordar, ainda que necessariamente em síntese, as provas anteriores. O leitor fará, assim, uma breve digressão pelo passado. E recordará alguns nomes que nos trazem à memória alleas que fizeram época e galvanizaram multidões.

## 14 de Agosto de 1927

Para a Pequena Travessia de Lisboa inscreveram-se 68 concorrentes e atingiram a meta em Pedrouços, 24. Caso curioso: foi um representante do clube organizador o vencedor da prova. Vejamos as classificações:

**Classificação geral:** 1.º Henrique José Maria (senior), 1 h. 22 m. 58,2 s.; 2.º António Moitinho de Almeida (senior), 1 h. 23 m. 54,6 s.; 3.º Fernando Sacadura (junior), 1 h. 26 m. 36,4 s.

**Senhores:** 1.º Henrique José Maria (Pedrouços), 1 h. 22 m. 58,2 s.; 2.º António Moitinho de Almeida (S. A. D.), 1 h. 23 m. 54,6 s.; 3.º José da Costa Campos (Ginásio do Sul), 1 h. 26 m. 44,4 s.

**Juniores:** 1.º Fernando Sacadura (S. A. D.), 1 h. 26 m. 36,4 s.; 2.º Joaquim Jorge Baptista (Benfica), 1 h. 32 m. 15,4 s.; 3.º José do Carmo Carrilho (Nacional), 1 h. 32 m. 58,2 s.

**Principantes:** 1.º Américo Augusto Fernandes (Nacional), 1 h. 40 m. 20 s.; 2.º José Pedroso (S. A. D.), 1 h. 42 m. 5 s.; 3.º Jélio Ferreira, 1 h. 44 m. 30 s.

**Militares:** 1.º José de Oliveira Nunes (Cav. 8), 1 h. 54 m. 10,8 s.; 2.º Francisco Luis de Oliveira Junior, 1 h. 41 m. 50 s.

## 12 de Agosto de 1928

Inscriveram-se 45 nadadores. Alinharam a partida 42 e chegaram 32. Ocuparam os postos de honra:

**Classificação geral:** 1.º João da Silva Marques (senior), 1 h. 25 m. 17,6 s.; 2.º Henrique José Maria (senior), 1 h.

## BREVES NOTAS DA IMPORTANTE PROVA

Por ABREU TORRES



Alberto Azinhais dos Santos—o melhor nadador de fundo do seu tempo—vencedor absoluto de quatro das sete Travessias disputadas

51 m. 10,8 s.; 3.º António Moitinho de Almeida (senior), 1 h. 41 m. 10,8 s.

**Senhoras:** 1.º Ilda da Costa e Silva (Nacional), 1 h. 57 m. 4,4 s.; 2.º Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 2 h. 7 m. 46,2 s.

**Seniores:** 1.º João da Silva Marques (Belenenses), 1 h. 28 m. 17,6 s.; 2.º Henrique José Maria (Pedrouços), 1 h. 31 m. 10,8 s.; 3.º António Moitinho de Almeida (S. A. D.), 1 h. 41 m. 10,8 s.

**Juniores:** 1.º José Pedroso (Algés), 1 h. 44 m. 35,6 s.; 2.º Joaquim Jorge Baptista (Benfica), 1 h. 46 m. 30,6 s.; 3.º Francisco Metelo da Silva (Benfica), 1 h. 47 m. 30,2 s.

**Principantes:** 1.º Abelard Nunes (Pedrouços), 1 h. 50 m. 6,4 s.; 2.º Luís Nala (Benfica), 1 h. 50 m. 45,6 s.; 3.º Mário Pires Ventura (Benfica), 1 h. 56 m. 59 s.

**Militares:** 1.º José de Oliveira Nunes (Cav. 8), 1 h. 56 m. 20,4 s.

**Marinheiros:** 1.º Rafael Afonso de Sousa (Aviação Naval), 2 h. 1 m. 40,4 s.

## 1 de Setembro de 1929

Classificaram-se 21 dos 82 concorrentes. A prova proporcionou magnífico triunfo a Fernando Sacadura e revelou um futuro campeão: Alberto Azinhais dos Santos.

**Arquívemos os melhores:**  
**Classificação geral:** 1.º Fernando Sacadura (senior), 1 h. 48 m. 8,8 s.; 2.º Delfim Cunha (senior), 1 h. 46 m. 15 s.; 3.º Eduardo Silva (senior), 1 h. 49 m. 55,4 s.

**Senhores:** 1.º Fernando Sacadura (S. A. D.), 1 h. 48 m. 8,8 s.; 2.º Delfim Cunha (Belenenses), 1 h. 46 m. 15 s.; 3.º Eduardo Silva (Benfica), 1 h. 49 m. 55,4 s.

**Juniores:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (S. A. D.), 1 h. 53 m.; 2.º José do Carmo Carrilho (Nacional), 2 h. 1 m. 31 s.

**Principantes:** 1.º Jaime Cruz (S. A. D.), 1 h. 58 m. 25,6 s.; 2.º Luís Nala (Benfica), 1 h. 59 m. 0,4 s.; 3.º Francisco Silva Junior (Benfica), 1 h. 59 m. 40 s.

**Senhoras:** 1.º Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 1 h. 59 m. 45,4 s.; 2.ª Maria Wilhelm (S. A. D.), 2 h. 16 m. 22,4 s.

## 7 de Setembro de 1930

Compareceram à chamada 45 dos 49 inscritos, tendo atingido a meta 37 concorrentes.

**Classificação geral:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (senior), 1 h. 27 m. 57 m. 6 s.; 2.º João da Silva Marques (senior), 1 h. 29 m. 6 s.; 3.º Delfim Cunha (senior), 1 h. 29 m. 30 s.

**Senhores:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (S. A. D.), 1 h. 27 m.; 2.º João da Silva Marques (Belenenses), 1 h. 29 m. 6 s.; 3.º Delfim Cunha (Belenenses), 1 h. 29 m. 30 s.

**Juniores:** 1.º Luís Nala (Benfica), 1 h. 30 m. 40,4 s.; 2.º Eric Whiting (Paço de Arcos S. C.), 1 h. 31 m. 45 s.; 3.º Joaquim Santos (Benfica), 1 h. 38 m. 22 s.

**Principantes:** 1.º Armando Moitinho de Almeida (S. A. D.), 1 h. 58 m. 20 s.; 2.º Caetano V. Oliveira (Benfica), 1 h. 37 m. 58 s.; 3.º Alfredo Sebastião Lopes, 1 h. 59 m. 15 s.

**Senhoras:** 1.ª Ilda da Costa e Silva (Nacional), 1 h. 40 m. 29,8 s.; 2.ª Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 1 h. 41 m. 8 s.

**Militares:** 1.º José de Oliveira Nunes (P. S. P.), 1 h. 44 m. 32,6 s.; 2.º Augusto H. de Carvalho (P. S. P.), 1 h. 47 m. 36 s.

## 23 de Agosto de 1931

Tocaram a meta em Pedrouços 19 nadadores dos 42 que partiram do Terreiro do Paço. A inscrição havia reunido 45 elementos.

**Classificação geral:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (senior), 2 h. 10 m. 47,6 s.; 2.º Delfim Cunha (senior), 2 h. 14 m. 40,6 s.; 3.º Luís Nala (junior), 2 h. 15 m. 26,4 s.

**Senhores:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (S. A. D.), 2 h. 10 m. 47,6 s.; 2.º Delfim Cunha (Belenenses), 2 h. 14 m. 40,6 s.; 3.º Eduardo Silva (Benfica), 2 h. 16 m. 39 s.

**Juniores:** 1.º Luís Nala (Benfica), 2 h. 15 m. 26,4 s.; 2.º Armando Moitinho de Almeida (S. A. D.), 2 h. 19 m. 9 s.; 3.º Joaquim dos Santos (Benfica), 2 h. 23 m. 46 s.

**Principantes:** 1.º Artur Fernandes (Carcavelinhos), 2 h. 18 m. 35 s.; 2.º Manuel da Silva III (União Lisboa), 2 h. 37 m. 22,4 s.; 3.º Alberto Joaquim Ferreira (Benfica), 2 h. 41 m. 50 s.

**Senhoras:** 1.ª Ilda da Costa e Silva (Nacional), 2 h. 46 m. 17 s.

**Militares:** 1.º Augusto H. Carvalho (P. S. P.), 2 h. 50 m. 14 s.

## 20 de Agosto de 1933

Partiram do Terreiro do Paço 31 concorrentes, tendo faltado à chamada 4. Classificaram-se 18.

**Classificação geral:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (senior), 1 h. 22 m. 9 s.; 2.º Delfim Cunha (senior), 1 h. 23 m. 12,4 s.; 3.º António Augusto da Costa (senior), 1 h. 23 m. 47 s.

**Senhores:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (S. A. D.), 1 h. 22 m. 9 s.; 2.º Delfim Cunha (Belenenses), 1 h. 23 m. 12,4 s.; 3.º António da Costa (Aveiro), 1 h. 23 m. 47 s.

**Juniores:** 1.º José de Freitas (S. A. D.), 1 h. 31 m. 5,6 s.; 2.º Argentino Fragozo (Benfica), 1 h. 34 m. 45,4 s.; 3.º Artur Fernandes (Carcavelinhos), 1 h. 35 m. 42,6 s.

**Principantes:** 1.º Floriano da Silva Ramos (Carcavelinhos), 1 h. 29 m. 5,2 s.; 2.º José da Silva (Carcavelinhos), 1 h. 32 m. 29,8 s.; 3.º Manuel da Fonseca (Benfica), 1 h. 35 m. 26,2 s.

**Senhoras:** 1.ª Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 1 h. 31 m. 19,4 s.; 2.ª Ilda da Costa e Silva (Nacional), 1 h. 32 m. 29 s.; 3.ª Maria Amália Martins (Nacional), 1 h. 47 m. 35,4 s.

## 5 de Agosto de 1934

Apenas 14 nadadores tocaram a meta localizada na jangada do clube organizador. Faltaram à chamada 5 e desistiram quatro.

**Classificação geral:** 1.º Alberto Azi-

nhaís dos Santos (senior), 1 h. 52 m. 41,4 s.; 2.º Delfim Cunha (senior) 1 h. 57 m. 6,2 s.; 3.º José de Freitas (junior), 2 h. 3 m. 11,8 s.

**Senhores:** 1.º Alberto Azinhais dos Santos (S. A. D.), 1 h. 52 m. 41,4 s.; 2.º Delfim Cunha (Belenenses), 1 h. 57 m. 6,2 s.; 3.º Luís Carlos Reis (Belenenses), 2 h. 9 m. 24 s.

**Juniores:** 1.º José de Freitas (S. A. D.), 2 h. 3 m. 11,8 s.; 2.º Floriano da Silva Ramos (Carcavelinhos), 2 h. 3 m. 25,2 s.; 3.º Artur Fernandes (Carcavelinhos), 2 h. 4 m. 39,4 s.

**Principantes:** 1.º Sérgio Conde Ribeiro (Pedrouços), 2 h. 9 m. 1,2 s.; 2.º Fernando Leal (Nacional), 2 h. 9 m. 50,6 s.; 3.º Eduardo Manaças (S. A. D.), 2 h. 11 m. 14,4 s.

**Senhoras:** 1.ª Silvina Vieira Alves (S. A. D.), 2 h. 7 m. 46,4 s.; 2.ª Maria Amália Martins (Nacional), 2 h. 57 m. 7,6 s.

## Quadro de honra

A lista completa dos vencedores absolutos das sete provas disputadas de 1927 a 1934—a corrida não se realizou em 1932—fica, pois, como segue:

1927—Henrique José Maria (Pedrouços), 1 h. 22 m. 58,2 s.

1928—João da Silva Marques (Belenenses), 1 h. 28 m. 17,6 s.

1929—Fernando Sacadura (Algés), 1 h. 45 m. 8,8 s.

1930—Alberto Azinhais dos Santos (Algés), 1 h. 27 m.

1931—Alberto Azinhais dos Santos (Algés), 2 h. 10 m. 47,6 s.

1933—Alberto Azinhais dos Santos (Algés), 1 h. 22 m. 9 s.

1934—Alberto Azinhais dos Santos (Algés), 1 h. 52 m. 41,4 s.

## Os recordes e os seus detentores

Os detentores dos recordes da prova são os seguintes:

Silvina Vieira Alves, em senhoras, com 1 h. 31 m. 19,4 s. (1933).  
Alberto Azinhais dos Santos, em seniores, com 1 h. 22 m. 9 s. (1933).

Fernando Sacadura, em juniores, com 1 h. 26 m. 36,4 s. (1927).

Floriano da Silva Ramos, em principantes, com 1 h. 29 m. 8,2 s. (em 1933).

Com quatro vitórias consecutivas e o recorde absoluto da prova, Alberto Azinhais dos Santos surge-nos em posição de justo realce. Ele é, sem favor, a figura número um no historial da Pequena Travessia de Lisboa.

Quem lhe seguirá na lista dos vencedores? Ficará de pé, ou cairá ao seu recorde de há dezasseis anos? Eis duas interrogações, de entre muitas que se poderiam pôr, que demonstram o interesse da VIII Pequena Travessia de Lisboa, a disputar no próximo dia 7.

## UM INCIDENTE

# Atlético-Federação de Futebol

**A** PARECE nas esferas do futebol mais um incidente, provocado pelos castigos aplicados pela Federação Portuguesa a dois dirigentes do Atlético: capitão Alcino Pires, presidente da Direcção, e Jaime Franco, secretário geral. Ao primeiro foi aplicada a suspensão por um ano; ao segundo, por 6 meses.

Os dois desportistas de Alcântara, tendo a seu lado a massa simpatisante do popular clube, recorrem entretanto para a Direcção Geral dos Desportos. E em maré de reclamações, o Atlético também se não conforma com o castigo de um ano aplicado ao jogador Vital, presentemente no F. C. do Porto, reclamando nesta altura para o Conselho Fiscal e Jurisdicional. Dizem-nos, por outro lado, que o F. C. do Porto vai também apresentar uma larga exposição sobre vários factos ao Director Geral dos Desportos e ao sr. Ministro da Educação Nacional, pedindo a anulação do castigo.

Mas o castigo aos dois activos e prestigiosos directores do Atlético nada tem, afinal, com este

assunto, que já se pode considerar velho e talvez inoportuno. Trata-se de uma «questão» desenvolvida no principio do ano nos balneários da Tapadinha. Jogava-se o desafio Atlético Boavista, arbitrado por Augusto Pacheco, e o trabalho do juiz de campo não agradou aos alcantarenses.

No balneário, primeiro Jaime Franco e depois o capitão Alcino Pires, mantiveram após o encontro discussão acalorada com o sr. Augusto Pacheco. Este, como considerasse ofensivas algumas referências, elaborou o seu relatório para a entidade orientadora do futebol português. Como é natural, seguiram-se os inquéritos habituais, e nele intervieram os desportistas acima indicados. Meses mais tarde, precisamente quando a Comissão Administrativa da Federação se apresenta demissionária, surgem os castigos. E a reclamação do presidente e do secretário geral do Atlético, que por certo vai ser julgada com justiça, bom senso, e evidente prestígio para o futebol, que pouco lucra com incidentes desta ordem.

## O BENFICA regressou da MADEIRA



Regressou do Funchal a equipa de honra do Benfica, que ali se deslocou a convite dos clubes madeirenses Nacional e Marítimo. O popular clube despertou grande interesse e foi acolhido com manifestações de simpatia.

A visita do Benfica — chefiada pelo vice-presidente sr. Francisco Retorta — à ilha da Madeira, constituiu uma jornada magnífica de camaradagem desportiva.

Damos um aspecto da chegada dos jogadores benfiquistas, no último domingo.

## ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atracções

a famosa estrela do baile clássico **ELENITA ESPEJO**

**CARMEN DEL MAR e ANITA LUCENA**

Mary-Mely, Hermanas Barón, Lolita Sevilla, Hermanas Disdiar, Sara Seny e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

**ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DIANA**

**THE ROYAL JAZZ** com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

Ar condicionado

Temperatura agradável



O SPORTING CONQUISTOU O CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO — No campo do Aleneu, Sporting e Olivais, defrontaram-se em jogo final para este campeonato. Venceu o Sporting, com merecimento, por 48-16

## NATAÇÃO

# OS CAMPEONATOS REGIONAIS

**A** primeira jornada dos Campeonatos Regionais de Natação — disputada na quinta-feira, à noite, na piscina do S. A. D. — compreendeu dezassete provas. O Al-gés averbou a maioria dos títulos — doze — o Estoril-Praia alcançou quatro — dois masculinos e dois femininos — e o Alhndra Sporting Clube, por intermédio de Jofre de Carvalho, um título: o dos 1.500 metros-livres. Este, o balanço quanto a títulos da primeira ronda, à qual deram o seu concurso além das colectividades citadas, o Pedrouços, o Nacional, o Belenenses e o Sporting.

De modo geral não se registaram «tempos» famosos. Mas houve várias provas muito bem disputadas, com emotiva luta clubista, que entusiasmaram vivamente a assistência. Estão neste caso, os

100 metros-bruços, mariposa, seniores — com relevo para António Martins Xeira e Rogério Fragata — os 200 metros-livres, juniores — pelo despique travado entre Alfredo Rodrigues e Luís Marques do Carmo — os 100 metros-bruços, iniciados, em que Vasco da Silva Ribeiro e Vasco Dias Pereira travaram boa luta, e os 1.500 metros-livres, juniores, em que Alfredo Rodrigues e Luís Marques do Carmo tiveram actuação digna de elogio no que toca a entusiasmo e espírito de luta.

A segunda ronda — com que se encerrou a «Semana da Natação» disputou-se domingo à tarde. Manteve de modo geral, as características da anterior. Há no entanto que pôr em relevo dois novos recordes: o de Maria Luísa Malheiro da Silva que baixou de 1 m. 33 s. para 1 m. 27 s. o recorde dos 100 metros-livres, iniciadas, o que constitui, sem dúvida, proeza a assinalar, e o da equipa de principiantes do S. A. D. que estabeleceu novo mínimo para os 4x100 metros-livres. De facto, o belo esforço de Barbeiro, Borja, Madeira e Perdigo foi coroado do melhor êxito. E o recorde baixou de 4 m. 33,7 s. para 4 m. 32,7 s.

Depois há a fixar os títulos conquistados por Eduardo Barbeiro nos 100 metros-livres, principiantes, de Ezequiel Gameiro das Neves, nos 66 metros-bruços, mariposa, do estorilista João Domingos, nos 100 metros-livres, iniciados, e de João Manuel nos 66 metros, mariposa, para principiantes.

Entre os juniores, Alfredo Fernandes Rodrigues voltou a brilhar, ganhando muito bem os 400 metros-livres e Luís Ricardo Sebastião, com 3 m. 21,1 s., foi sem dúvida o melhor nos 200 metros-bruços.

Dos seniores, Belmiro Santos, com 3 m. 17,6 s., ganhou os 200 metros-bruços e João Franco do Vale averbou mais um título: o dos 100 metros-livres, com 1 m. 7,2 s.

Estes, os primeiros apontamentos dos Regionais que amanhã terminam na piscina do S. A. D. Eles merecerão no próximo número mais largo comentário.

ABREU TORRES



Duas figuras salientes dos Regionais: Eduardo Barbeiro e Franco do Vale, um principiante e um senior, que têm mantido os seus créditos de nadadores de excelente classe

# Os Regionais dos Seniores que o Sporting ganhou deixaram impressão pouco lisonjeira

As duas últimas jornadas do campeonato regional de seniores não conseguiram oferecer espectáculo que entusiasmasse o público pouco numeroso e, como nós, certamente muitos espectadores se retiraram pensando que os nossos atletas da categoria superior são poucos, a maioria deles sem classe ou em descuidada preparação.

Se fizermos o balanço geral do torneio só os nomes que seguem correspondem a atletas que souberam cuidar da sua forma de maneira respeitosa para si próprios: Tomás Paquete, Afonso Marques, Ricardo Durão, Luis Alcide, Alvaro Dias, Joaquim Quaresma, Joaquim Branco, Matos Fernandes, Manuel da Silva e Rui Maia; acrescentem-se os novos recrutas Alves da Silva, João Luis, Jorge Abreu, F. Castimiro, Jorge Matos e João Muralha.

Confessemos, sem reboço, que a lista é por demasiada escassa.

Se nalgumas provas se registou um conjunto notável — para o nível português — de marcas (às da primeira jornada, somaremos os 200 m. e os 500 m.), noutras a penúria foi excessiva: 84 s. para o terceiro dos 400 m., 18 s. para o 4.º das barreiras, 45,32 para o terceiro

no dardo, 1,70 para o segundo na altura e 3,20 para o segundo na vara.

Apesar das três sessões de exibição dos seniores, afirmamos sem hesitar que lhes preferimos largamente as dos campeonatos de juniores, onde houve concorrência mais abundante, maior entusiasmo na luta e — na relatividade das categorias — resultados superiores.

Cinco clubes apenas representados no campeonato, não é quantidade suficiente para autorizar a afirmação de que o atletismo se desenvolve e progride; a figuração da «Cuf» do Barreiro e do Colégio Militar foi limitada e o Belenense, em franco ressurgimento, está ainda longínquo de possuir equipa completa para medir-se em plano de igualdade com o Sporting ou o Benfica.

Das 23 provas do programa deste ano, cada um dos «grandes» ganhou dez, o Belenense duas e o Colégio Militar a outra.

Na pontuação geral, estabelecida como se sabe sobre os seis melhores de cada prova, o Sporting somou 215,5 pontos, ao passo que o Benfica conseguiu apenas 181, o Belenense 47, o Colégio Militar 24,5 e a «Cuf» 18 pontos.

## Campeões e não campeões

Tomás Paquete, cuja boa forma ficará patente na excelente vitória dos 100 m., provou também que soubera preparar-se fisicamente, ganhando os 200 m. em 22,4 s., tempo nas proximidades do recorde. O jovem sportingista Jorge Abreu, segundo com 22,6 s., convenceu-nos agora da realidade do seu famoso tempo do Porto; partiu muito mal, no sábado, perdendo logo dois metros e apesar disso ficou apenas a dois décimos de Paquete. E a nossa mais segura esperança na distância, se quiser trabalhar com assiduidade e rigor.

Os 400 metros foram desoladores; duas eliminatórias para eliminar dois homens incapazes de melhor que 58 s. e uma final com Matos Fernandes e Artur Dias a dominar de 1:1 s. o menos mediocre dos seus adversários, isto apesar de terem ficado ambos a 2 s. do seu melhor resultado.

A corrida dos 1500 m. valorizou-se pela luta entre Branco e Alves da Silva, conduzida sempre pelo primeiro com autoridade e decidida a favor do belenense de maneira inflexível. Branco conseguiu o seu melhor tempo, 4 m. 10,7 s., mas Alves da Silva não repetiu a proeza do dia dos americanos. Em tarde de boa disposição, sem vento, qualquer deles pode atingir o recorde.

Afonso Marques triunfou nos 5000 m., mas com menos brilhantismo do que nas duas léguas (menos 31 p. na tabela internacional); e seu adversário directo foi, desta vez, Filipe Luis, que na recta final perdeu 5,4 s., visto Quaresma ter sido eliminado do pelotão da cabeça por uma queda violenta.

Nas barreiras notabilizou-se Ricardo Durão, cujos 15,6 s. figurarão como segundo resultado nacional; se cuidar da sua velocidade entre os obstáculos será em breve o primeiro de todos os primeiros.

Alcide, em muito melhor forma do que há quinze dias, será bom adversário para os nacionais; e os restantes... paisagem.

No triplo-salto e no salto em comprimento nada de novo; dois campeões de classe e em forma crescente; Alcide com 14,34 e Alvaro Dias com 7,05.

O mesmo Alcide foi segundo no comprimento com 6,33 e Vieira no triplo, com 13,84, mas prejudicando-se pela exagerada elevação do primeiro salto que lhe prejudica a sequência de exercício e obriga o calcanhar e o joelho a choques demasiado rudes.

A vitória de Alvaro Dias no salto à vara, com 5,40, sua melhor marca, é a de um habilidoso com estilo rudimentar; o pelotão dos adversários ficou nos 5,20, compreendendo Santos Vieira, em forma precária e Prista Caetano, que peca pela lentidão da corrida preparatória, insuficiente para a elevação necessária. Manuel da Silva conquistou o seu ter-



As concorrentes à prova feminina dos 100 metros. Triunfou a belenense Georgete Duarte, à direita



Uma das equipas do Benfica, concorrente dos Campeonatos, vencedora da estafeta 4x100. Machado, Casimiro, Eleutério e Calado

ceiro título no disco, o mais brilhante, estabelecendo novo recorde de Lisboa com 42,24, que seria a segunda marca portuguesa se não existisse um lance do português Tender, nunca mais aprimorada e do qual nos permitimos duvidar na legalidade de condições. Trabalhador consciencioso, Manuel da Silva merece mais este recorde para o seu arquivo e não nos custa crer que o alcançará.

O seu camarada José Luis Silva, extraordinariamente dotado, atingiu apenas 37,83 porque são tantas as inércias onerosas, as contrações indolentes no seu movimento, que o resultado não resulta. Menos força, mais jeito e força, sim, mas só no momento próprio.

Com o dardo impuseram-se dois novos em franco progresso: Jorge Matos com 53,41 e João Muralha com 53,03, segundo e terceiro resultados nacionais. Ambos têm ainda muito a aprender, mas possuem recursos para a aprendizagem, que é o que mais importa. Sobre isto, basta vontade.

Nas estafetas registamos a melhoria do recorde dos 4x800 m. pelo quarteto do Benfica que também venceu os 4x100 m.; médias para os cinco estafetas: 11,2 s. nos 100 m., 23,05 s. nos 200 m., 54,2 s. nos 400 m., 2 m. 5,5 s. nos 800 m. e 4 m. 26,4 s. nos 1500 m. Tudo ainda bastante modesto.

Para terminar uma referência à organização que pecou apenas, às vezes, por falta de dinamismo. A falta de ordem no campo, quando se preparava o lançamento do disco deu origem a lamentáveis incidentes, felizmente sem as graves consequências possíveis.

SALAZAR CARREIRA

Assinem a STADIUM

## Torneio Internacional de Tiro aos Pombos, no Estoril



Como nos anos anteriores resultou animado o torneio disputado no «stand» do Goulão, muito embora não se efectuasse o encontro Portugal-Espanha por falta de inscrição dos atiradores espanhóis. DA ESQUERDA PARA A DIREITA — D. Lázaro Arrizabalaga, vencedor do Grande Prémio do Estoril. — José Passanha Guedes, campeão nacional, «Prancha». — D. Carlos Villaerde, vencedor da Taça de Ouro «Turismo». — José Moura Bastos, que conquistou a Taça «Campeonato do Estoril»

# Stadium

## na capital do Norte

### Capacidade de organização

A «Volta a Portugal» parte do Porto pela segunda vez. E pela segunda vez se fará a chegada ao Estádio do Lima. Este ano, porém, a capital do Norte mereceu inegavelmente a honra da preferência, graças ao trabalho persistente dos seus clubes e da sua entusiástica massa desportiva. Teve decidida influência na organização e na escolha a entidade dirigente do ciclismo português, a



ELOI SILVA  
presidente da Associação  
de Ciclismo do Norte

que preside Joaquim Eloi da Silva, e este espera que tude se encaimhe para um êxito absoluto.

No primeiro dia da prova, no Lima, o público acorreu em tal quantidade, que ficou imediatamente esgotada a lotação do Estádio. A receita deve ter estabelecido recordes. Desde já, pode garantir-se, portanto, que o Porto deu provas seguras da sua capacidade e do seu amor à velocidade.

Para isso, muito tem trabalhado. É justo que se aplauda sinceramente o trabalho profiadíssimo e inteligente dos orientadores locais, com distinção para Eloi Silva, a quem prestamos a nossa homenagem. A grande prova está em marcha. Não apontaremos vencedores — porque é ainda cedo para prognósticos arrojados. Mas seja quem for, não pode ficar no esquecimento a bela actividade desenvolvida pelos melhores dirigentes da segunda cidade do País.

## ANICETO BRUNO

REFERIRAM-SE já os jornais, com larga soma de elogiosas e justas referências a Alfredo Trindade e José Maria Nicolau, porque ambos, antigos azes, ocupam lugares de comando junto de prestigiosos clubes, como o Sporting e o Benfica.

Por nossa vez, como voz nortenha, não podemos esquecer um nome que desde há muito tem prestigiado a «Volta», tanto na sua qualidade de corredor como na de dirigente técnico: — Aniceto Bruno. Por muitos e variados motivos.

Andam na «Volta» a Portugal muitos homens que Aniceto descobriu e lançou no meio velocipédico: Fernando Moreira, Moreira de Sá, Joaquim Costa, Joaquim Sá e Amândio — do F. C. do Porto; Império dos Santos e Onofre Tavares, do S. L. Benfica. Aniceto não se limitou a correr e a ganhar provas. O valoroso e dedicado treinador dos campeões nortenhos, tem dirigido a preparação de alguns dos melhores valores nacionais do ciclismo, e nada mais justo referir-se-lhe o crítico com palavras de louvor, analisando a sua obra com justiça e oportunidade.

Aniceto acolheu-se em boa hora à cidade do Porto. Depois de correr pelo seu actual clube, fez umas épocas no Belenenses. Mas regressou ao clube azul e branco — para ficar. Estabelecido no Norte do País, Aniceto Bruno conquistou as maiores simpatias, e ninguém se arrependeu da confiança dada.

Eis, portanto, mais um homem de categoria no ciclismo. Ganhou o direito a esta referência, o mesmo direito dos azes indiscutíveis que se chamam Nicolau e Trindade. Aniceto, não os suplantando como corredor, embora de boa classe, por certo os venceu como fabricante de campeões.

O que é alguma coisa...

## Pedestrianismo no Porto



Os concorrentes à prova de 5.000 metros não filiados

## Curiosidades...

Os desportistas portugueses seguiram com alguma emoção as notícias respeitantes à chegada de Fernando Moreira a Lisboa. Algumas referências, entretanto, surpreenderam — por descabidas e nada exactas.

❖ A capacidade desportiva do Porto demonstra-se constantemente. No andebol, no basquetebol — provou-se há muito tempo. Agora, no ciclismo, nem é bom falar. As receitas dizem tudo. O resto «são conversas».

❖ Há quem se oponha, sem mais delongas, à inscrição de corredores estrangeiros nos nossos clubes. Já demos a nossa opinião sobre o assunto, achando que está certo o «meio termos».

Isto nem será melhor nem pior que a outra solução de muitos: ir a diversos meios buscar corredores.

❖ Vem a talhe de foice apontar um pormenor: exceptuando os dois estrangeiros, todos os outros elementos do F. C. Porto foram lá criados. Isto é alguma coisa importante e merecerá talvez ser indicado pela crítica...

❖ O Futebol Clube de Luanda, filial do F. C. Porto na capital de Angola, tem captivado os azues e brancos pela maneira como preparou a recepção da sua equipa. Várias prendas de valor serão oferecidas ao jogadores.

❖ Barrigana tem sentido francas melhoras.

❖ Não assinaram ainda as suas fichas muitos jogadores portugueses. Precisamente os mais conhecidos...

❖ Tem-se especulado rasoavelmente com o nome de Fernando Moreira. Livros com o seu nome, entrevistas a torto, e a direito; às vezes em série, no mesmo jornal — o diabo...

Chegamos a ter pena do rapaz! Não se pode ser popular.

❖ Não se confirmou a vinda de Janos Biri para o Boavista. O conhecido técnico optou pelo Vitória de Guimarães.

❖ Além de perder Fandiño, talvez o F. C. Porto não tivesse visto outro problema ligado indirectamente ao seu nome.

❖ O «Comércio do Porto» mostrava-se surpreendido por se não falar ainda de «transferências». A nós não surpreende o caso. Achamos apenas que os clubes resolveram calar-se. O segredo é a alma do negócio...

❖ Vamos ter natação? Pelo menos tomou posse uma comissão administrativa. Piscina e nadadores não há — mas isso parece não importar mesmo nada!

❖ Aparecem muitas preocupações com as arbitragens no andebol. Passou-se o tempo a esquecer ou a esconder. O mau trabalho dos árbitros na primeira parte da prova. Agora — a «coisa» é outra.

❖ A média de Fernando Moreira nos 40 quilómetros de S. Paulo é excelente, dado o facto de existir no percurso uma subida considerável. Não faltou quem esquecesse os números para empobrecer a vitória do rapaz do F. C. Porto. Que «não tinham valor os adversários». Pois sim: — o valor está nos números...

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

«O Mundo dá muitas voltas (dizia há pouco tempo um amigo meu, fino humorista) mas nenhuma me impressiona tanto como a Volta à França, em bicicleta».

Quis conhecer as razões. Recordei-lhe que a Itália, onde campeiam os maiores azes do pedal, disputava um giro todos os anos; falei-lhe da ronda suíça, semeada de dificuldades pelos desniveis abruptos; nomeei outras provas similares — incluindo a Volta a Portugal — mas o meu amigo abanou a cabeça, com ar indiferente, cheto de cepticismo.

«A Volta à França, principiou ele, «é como os produtos originais: não tem paralelo. Nasceu no cérebro de um apaixonado do ciclismo, Henri Desgrange, e durante um quarto de século poliu-a, alimentou-a com o seu fogo sagrado e contagiante, até que a maioridade chegou».

«O restante é arremedo sem verdadeira vibração — nem possibilidades, note bem!»

Depois, explicou:

«É impossível determinar antecipadamente o êxito de uma prova desportiva, como nenhum atleta, por melhor que seja, pode garantir a elegância de uma farpela. Há, no entanto, um mínimo de condições iniciais que pesam imenso no êxito ou no fracasso prováveis: o trajecto e o valor do ciclismo do país...»

«Concordo», atalhei eu, «mas o caso da Volta à Itália, parece-me idêntico...»

«Não o é», garantiu-me o amigo, «embora o julgue! A Itália tem Bartali e Coppi, Biagioni, Magni, etc., mas não tem o Tourmalet, Aubisque, os Vosges, etc. Acima de tudo, falta-lhe o espírito do grande creador que foi Desgrange...»

Estendeu-me dois dedos da dextra e retirou-se, enquanto eu segui em direcção oposta ruminando no que lhe acabara de ouvir.

A Volta à França, concluída no passado domingo, não foi um triunfo para as cores francesas — nem por equipas nem individualmente. Apesar disso, e da superioridade notória dos grandes azes transalpinos, Coppi e Bartali, que tiraram ao resultado o efeito da surpresa, a importância da clássica prova ciclista manteve-se firme, como sempre.

O que melhor nos dá a noção da sua estatura é o carácter internacionalista que tomou, reunindo as mais fortes representações velocipedicas de todo o Mundo — italianos, franceses, belgas, suíços, espanhóis e lusos burgueses — algumas em duplicado!

O amigo tinha razão. O Mundo dá grandes voltas mas nenhuma volta é tão imponente como a Volta à França!

Os conflitos que se têm esboçado várias vezes, entre desportistas de países sob o jugo da política totalitária e os organismos oficiais que neles dirigem os desportos, acrescentaram um capítulo novo ao seu importante historial.

Drobny e Cernik, tenistas valorosos da Checoslováquia, participando num torneio suíço onde estavam inscritos alguns jogadores alemães, receberam ordem de regresso à pátria, afim de não competirem contra os antigos inimigos.

Drobny e Cernik recusaram-se a cumprir essa ordem. Nas declarações feitas à Imprensa, manifestaram o desejo de não transporem a fronteira enquanto o jugo de uma potência estrangeira dominar a política da nação.

O caso destes homens do desporto não é único. Tem-se dado muitos outros, iguais na essência como no desenlace. Mas Drobny constituiu uma figura popular, de grande relevo e a saída dele enfraquece o desporto da raquete e serve de estímulo a outros.

Assim, a diplomacia da antiga Boémia tem-se agitado de todas as maneiras, para atrair o filho pródigo. O que ela não consegue é convencer os que assistem a estas rebeliões, da felicidade dos que vivem sob o império da tirania.

RAFAEL BARRADAS

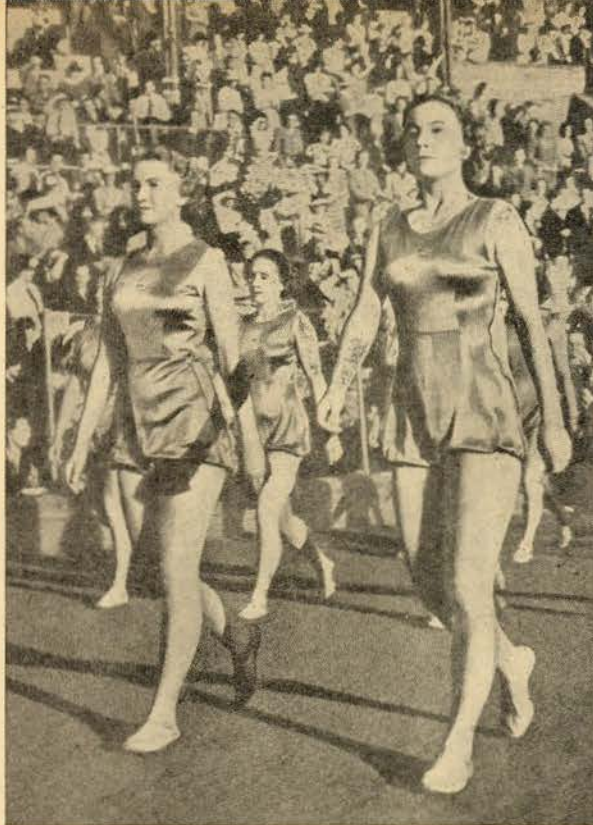
## Automobilismo

Louis Chiron, o veterano condutor de automóveis monaquense, ganhou com grande brilho o 1.º Grande Prémio de França.

A corrida teve lugar em Reims, no autódromo desta cidade, e o percurso era de 500 quilómetros. O vencedor lutou longamente con-

tra vários adversários de grande pericia: Whitebread, Príncipe Bira, Fango, Farina, Villorresi, etc. A sorte foi-lhe propícia pois que vários tiveram de desistir por deficiências nos motores e nas viaturas, nomeadamente, Villorresi, Fango e Campos.

Louis Chiron (Talbot) triunfou em 3 horas 6 m. 33,7 s., à média de 160 quilómetros e 870 à hora.



Iniciou-se em Estocolmo o segundo festival de Ginástica Sueca, denominado «Lingada de 1949» comemorando o aparecimento do importante método devido a P. H. Ling. Estas duas formosas norueguesas abriram o desfile que se produziu no famoso Estádio da capital da Suécia

## Ciclismo

A Volta à França — ainda em disputa no momento em que escrevemos — está praticamente ganha pelo corredor italiano Fausto Coppi. Foi na descida da montanha, a caminho de Aosta que os dois rivais, Bartali e Coppi deixaram os restantes concorrentes.

Bartali teve um furo quando tinha lançado o ataque ao seu antagonista, que se revelou superior ao veterano e conquistou a etapa.

## Atletismo

A equipa americana que visitou o nosso país exibiu-se em Bruxelas, no Stade des Trois Tilleuls.

Fuchs atirou o peso, a 17,29; Gordien o disco, a 54,22 e Held o dardo, a 61,60. A final de 100 metros foi ganha por Peters, em 11 s., numa pista detestável; Dixon venceu os 110 barreiras, em 14,8 s. e Whitfield limpou os 800, em 1 m. 56,2 s.

❖ A Finlândia bateu a Checoslováquia por 104 pontos a 97, em Helsinquia. O grande animador do match foi Zatopek que ganhou os 10 mil metros e os cinco mil.

❖ O islandês Huseby bateu o recorde da Europa Setentrional, atirando o peso a 16,24.

❖ Em Gaevla, na Suécia, efectuou-se uma corrida de milha (1.609 metros) na qual tomaram

## Boxe

Em plena estação morta, o pugilista francês Jean Mougain enfrentou na cidade de Syracuse (E. U. A.) o científico campeão mundial de «semi-leves» Willie Pep.

A luta foi muito leal e conquanto Pep haja triunfado justamente por pontos, o europeu soube defender-se como um leão.

Outro triunfador foi Annaloro, que na mesma reunião ganhou K-O ao negro de Buffalo, Dick Eisen, em 6 assaltos.

Em West Springfield, Rocco Grazziano pôs fóra de combate, ao 2.º assalto, Joe Agorta e o pugilista francês Jean Walzack perdeu por pontos ante o musculoso Bobby Dykes, que o dominou em absoluto.

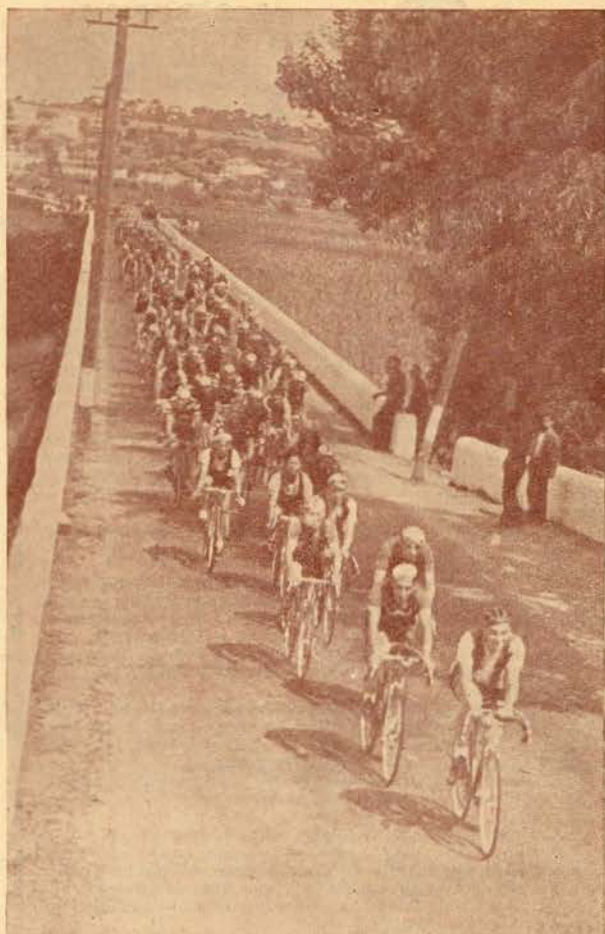
Anuncia-se a morte desastrosa de Vince Forster, prometedor pugilista da categoria «semi-médios», que ficou sob o automóvel que conduzia, em Pipestone, Mass.

Cerdan recebeu convite para combater em Buenos Aires, entre Outubro e Dezembro contra um adversário ainda por designar.

parte alguns dos mais reputados atletas nórdicos.

Aberg cortou a meta em primeiro lugar no tempo notável de 4 m. 5,4 s., e na cola ficou Bergvist, com 4 m. 5,8 s.

A equipa da Europa do Norte, hoje, amanhã e depois, enfrenta a equipa norte-americana em Oslo.



## Aspectos da «Volta»

A' DIREITA — Os corredores passam por Montemor-o-Velho em pelotão compacto, galgando a estrada em pedaladas condeniadas. — Império dos Santos, José Martins, logo seguidos por Maximiano Rola, em plena estrada. Os dois benfiquistas mostram-se de rosto prazenteiro... confiantes...

EM CIMA, à esquerda, Félix Bermúdez — o homem da camisola amarela — após a chegada às Salésias, descansa, tendo a seu lado o popular Alfredo Trindade, desta vez o orientador da equipa leonina. — António Maria, logo seguido de Fazzio, chegam às Salésias. — Mais dois corredores que chegam à meta de Lisboa, dois portuenses, Moreira de Sá e Dias Santos. — Bruno Couvré, do Belenenses, foi o segundo em Lisboa, ao concluírem-se as voltas à pista das Salésias.